J. J. Sillyc

A PICADURA DO ESCORPIÃO

Memórias eróticas de três adolescentes

(Baseado em fatos reais)

Copyright 1994 © — J. J. Sillyc

Esta obra está protegida pela Lei nº 9.610/98
(Lei dos Direitos Autorais).

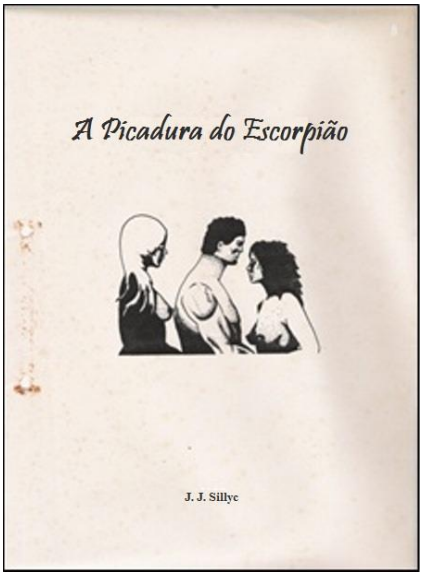
— Todos os direitos reservados ao Autor —

Nos termos da Lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, inclusive através de processos de fotocópias, de fotografia, de gravação e digitalização, sem permissão do Autor, por escrito.

A Picadura do Escorpião
Sillyc, J. J.
1ª ed. – São Paulo: Clube de Autores, 2013.
ISBN: Processo em tramitação

1. Romance erótico. 2. Literatura pornô-erótica. I. Título. II. Série.

J. J. Sillyc



(Estudo Original para a Capa)

A PICADURA DO ESCORPIÃO



PREPÚCIO

Este livro é composto por três narrativas que se entrelaçam no decorrer da estória.

Cada uma das três personagens centrais, à sua maneira, traz ao leitor suas aventuras e sua versão acerca de alguns dos acontecimentos, que vivenciou.

Existe uma quarta personagem, o narrador e autor do livro, mas sua participação limita-se apenas à apresentação das personagens principais, abrindo e encerrando o presente trabalho literário.

O livro divide-se em duas partes, trazendo na primeira delas o relato das experiências de cada personagem e, na segunda, as impressões de cada qual após o momento em que suas vidas efetivamente se cruzam.

Dessa forma a obra proporciona ao leitor a opção de encarar cada um dos capítulos (três em cada parte) como um conto independente, vez que todos eles se acham tão logicamente estruturados que podem, até mesmo, ser lidos de forma totalmente desvinculada.

Além do mais, a série de subtítulos contidos em cada capítulo acaba por se constituir, cada um deles, em um pequeno conto, o qual, mesmo isolado, à exceção de poucos casos, ainda assim não perderá o sentido quanto ao que ali se desenrola.

É necessário acrescentar ainda que a fidelidade ao comportamento de cada personagem acabou por impedir ao autor uniformizar a redação, pois, se assim o fizesse, fatalmente viria a mutilar as características peculiares de cada qual, desvirtuando suas personalidades.

Boa Leitura!

Juarez José da Silva

PRÓLOGO

Sempre residi numa pequena cidade interiorana, onde cada um conhecia em detalhes a vida dos demais habitantes.

Perspicaz e bem informado, fui juntando pacientemente as peças de um verdadeiro ***quebra-cabeças***, do qual resultou o presente livro.

Minha amiga Selma foi sempre muito extrovertida em termos de sexo, e, como tínhamos estreitos laços de amizade e nos encontrávamos com freqüência, conheci algumas de suas ***extravagantes experiências***.

Foi através dela que conheci as ***aventuras*** de sua colega Sandra, a quem eu já conhecia e com quem mais tarde pude confirmar todas as histórias, entre uma taça de vinho e outra.

Sandra, uma das personagens centrais desta obra, é moça do campo. Foi criada com esmero por seus pais, pessoas de boa cultura e que muito influenciaram na educação da filha, tornando-a requintada e educada.

Sandra era (e ainda o é hoje) de uma beleza estonteante. Rosto de finos traços europeus, emoldurado por lisos cabelos castanhos claros e olhos cor de mel. Sua estatura alta confere ainda mais altivez ao seu corpo escultural e bronzeado.

Vitor, amigo *íntimo* de Sandra, foi namorado de uma das minhas primas. Seu namoro não deu certo, mas através dela o conheci e nos tornamos bons amigos e parceiros em passeios de moto pelas festas da região.

Gosta de beber e conversar. Em razão disso acabei por conhecer sua versão na história.

Vitor, nossa segunda personagem, é um rapaz simpático, extremamente jovial e prestativo, embora seja rude e possuidor de pouca cultura.

É um rapaz másculo, robusto, rosto vigoroso, cabelos e olhos de um castanho bem escuro.

Já Renata sempre foi uma garotinha frágil e delicada, pele muito alva e rostinho de anjo num corpinho sedutor de menina.

Seus cabelos negros, ondulados e macios, faziam um belo contraste com a pele clara de suas faces.

Mas deixemos que nossas personagens, já devidamente apresentadas, narrem elas próprias sua versão na história que as acabou unindo.

Antes de nos lançarmos à leitura, é meu dever advertir o leitor que os nomes utilizados ao longo da narrativa são fictícios, de maneira a preservar a identidade verdadeira de cada qual.

J. J. Sillyc

(18/07/1994)

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I
Narrações de Sandra

1)- A PRIMEIRA VEZ *"INICIAL"*

Meu despertar para o sexo ocorreu muito cedo. Ainda com tenra idade, já me iniciava em inocentes (?) ***brincadeiras sexuais*** com crianças de ambos os sexos, da mesma faixa etária que eu.

Meu pai vivia ocupado, administrando sua fazenda, na qual morávamos. Minha mãe passava os dias completamente atarefada com seus afazeres domésticos. Assim, eu tinha praticamente o dia inteiro livre para brincar com amiguinhos e amiguinhas, filhos dos camponeses que moravam em nossas terras.

Havia por ali algumas edificações que ficavam desocupadas quase o ano inteiro e outras cuja construção se encontrava paralisada. Dessa forma não nos faltavam amplos espaços para nossas brincadeiras inocentes (às vezes nem tanto).

As primeiras experiências das quais me recordo ocorreram entre meus seis e sete anos de idade.

Lembro-me que, certa vez, eu e um amiguinho (José Augusto) entramos juntos no porão de uma construção abandonada para brincarmos de *casinha*.

Durante a brincadeira, num dado momento, ele *agarrou-me por trás* e ficou abraçado ao meu corpo. Disse que estava brincando comigo de *troca-troca* e revezamo-nos várias vezes, ficando ora um, ora outro, na frente, *fazendo por cima da roupa* como dizia ele.

Depois me convidou para *fazer por baixo da roupa*. Tirou seu calção e eu fiz o mesmo com meu shortinho. Ficamos muito tempo ali, *fazendo troca-troca*. O ato resumia-se apenas no *contato do sexo* de um com a *bundinha* do outro.

A *brincadeira* despertou meu interesse e acabei divulgando-a entre meus outros amiguinhos e amiguinhas. Sempre que era possível eu fazia *troca-troca* com um deles.

Naquele mesmo porão reuníamo-nos para *brincar de médico*. Numa das vezes estávamos eu, uma amiguinha e três outros garotinhos, cujos nomes hoje não me recordo mais. A cada hora um de nós era o *médico* e os outros, um a um, tiravam a roupa e eram *devidamente examinados*, com especial atenção para os *pipis* e *pombinhas*.

Ficávamos nos observando, nos tocando, até culminar no tradicional *troca-troca*.

Essas tolinhas *experiências infantis* considero como sendo minha primeira *experiência sexual*.

2)- A SEGUNDA *"PRIMEIRA VEZ"*

Ainda aos oito anos, continuávamos praticando às escondidas, mas totalmente despreocupados, aquelas ***travessuras sexuais***. Foi a partir de uma dessas inocentes brincadeiras que decorreu minha ***primeira experiência sexual com um adulto***.

Eu e o José Augusto estávamos naquele mesmo porão. Tinha me mostrado o seu ***pintinho*** e pedido para eu ***chupar***. Dei uma ***chupadinha*** rápida, mas não gostei da experiência. Ele também deu um beijinho e uma ***lambida*** igualmente rápida na minha ***pererequinha***, mas parece que também não se agradou muito em fazer aquilo.

Estávamos ***peladinhos***. Eu me deitei de bruços e ele deitou-se sobre mim. Ele ficou ali ***se esfregando e me acariciando***. A ***brincadeira*** corria solta, quando fomos surpreendidos por Januário, um dos empregados de meu pai. Com o susto, agarramos as roupas e saímos correndo pelo pasto. Vestimo-nos mais à frente, debaixo de uma jabuticabeira e cada um foi pra sua casa, morrendo de medo de que nossos pais descobrissem tudo e nos batessem.

À tarde, Januário veio ao meu encontro, sob a mesma jabuticabeira, onde eu estava sentada lendo um gibi. Disse-me que tinha visto tudo o que eu ***estava fazendo*** e que, se eu não fizesse ***aquilo*** com ele, ia contar tudo ao meu pai e eu levaria uma boa surra. Com medo de meu pai, acabei concordando. Além do mais não via nada de mal na proposta, pois acreditava que ***ia ser igual ao que eu fazia com os garotinhos***. Ele só queria ***encostar o seu pinto em mim***.

Retornei à construção, enquanto Januário me seguia à distância. Mesmo assim chegamos quase juntos no local. Quando chegou, já começou a me ***apalpar***, me fez sentar no seu colo e eu senti ***uma coisa se levantando embaixo da minha bundinha e me erguendo junto***.

Depois me deitou de costas no chão e ***brincou*** comigo ***por cima da roupa***.

Quando ele tirou seu *pipi* para fora, eu me assustei com o tamanho. *Era grande e todo peludo embaixo*, bem diferente dos *pipis* dos garotinhos. Nunca podia pensar que fosse *daquele jeito*. Januário me fez pegá-lo, e quando eu o segurei em minha mãozinha, ele se sacudiu e *começou a crescer ainda mais*.

Januário *queria enfiá-lo na minha pombinha e me perguntou se eu aguentava*, mas como era muito grande, fiquei com medo de doer e não deixei.

Ele me pediu para eu *"bater uma punheta"* para ele. Explicou-me como *fazia*. Minha mãozinha quase não conseguia segurar *aquele volume inteiro*, mas, mesmo assim, comecei a movimentá-lo para *cima e para baixo*, do *jeito* que ele me havia ensinado. Enquanto mexia no *pintão duro* dele, o rapaz tirou minha calcinha. Minha inexperiência, porém, o incomodou, fazendo-o reclamar que eu *"estava balançando muito o seu pau"*. Colocou a mão sobre a minha e *me ensinou de novo como devia fazer*. Tentei novamente, mas o resultado não deve tê-lo agradado, pois me fez parar e continuou ele mesmo a *fazer aquilo sozinho*.

Pediu-me para deitar no chão e erguer meu vestido. Depois pediu para que eu *deixasse as perninhas bem abertas* porque ele queria *"ver a minha bucetinha"*. Fiz *do jeito que ele me pediu*. Ele ficou sentado, *sacudindo aquele pintão* com as mãos e eu deitadinha, olhando *tudo o que ele fazia*.

Seus olhos não se desgrudavam do meio das minhas pernas e sua mão subia e descia cada vez mais rápido, até que ele começou a gemer e se estremecer todo. Depois se virou e limpou a mão na parede. Guardou seu ***pipizão*** dentro da calça, enquanto eu vestia a calcinha e me pediu para não contar ***aquilo*** para ninguém, senão ele contava para o meu pai ***o que eu fazia com os meninos***.

3)- A TERCEIRA *"PRIMEIRA VEZ"*

Depois daquele susto, ***as brincadeiras infantis que envolviam sexo*** foram se rareando, até cessar.

Além disso, havia os estudos, e também o cuidado que os pais dedicavam às meninas era agora bem mais acentuado, principalmente quando brincávamos com garotos.

Eu já havia passado dos dez anos de idade, e, nesta fase, apenas as conversinhas sussurradas com as amiguinhas mais velhas traziam alguma novidade sobre ***sexo***.

Certo dia, porém, quando retornávamos mais cedo da escola, fui convidada por Mateus, um colega de onze anos de idade, para ir à sua casa, pois seus pais iriam de carro à nossa fazenda mais tarde e me levariam.

Como o garoto ***era um gatinho*** muito admirado por minhas amigas, a idéia me entusiasmou. Pegamos um atalho ermo e fomos caminhando, só nós dois, até sua casa. Logo que saímos do campo de visão de quem passava na estrada principal, Mateus envolveu minha cintura com um dos braços e continuamos nossa caminhada, conversando assuntos da escola.

Mais adiante ele parou e me beijou na boca. Não resisti. Só apreciei, deliciada, aquele momento. Depois que andamos um pouco mais, ele me convidou para ***entrar com ele no matinho***, para ***"colher amoras"***. A suspeita que tive acerca das suas ***reais intenções***, só ***atiçou*** ainda mais a minha curiosidade e eu o segui obediente pelo mato adentro.

Ao chegarmos numa pequena relva, próxima a um riacho, Mateus me abraçou e me beijou novamente, enquanto passava a mão no meu ***bumbum***. Depois passou mão no meu sexo, ainda impúbere, por cima da calcinha.

Virou-me de costas e me abraçou por trás e, enquanto se ***esfregava*** em mim, ***passou as mãos pelos meus peitinhos e pela minha pombinha***, agora ***por dentro da calcinha*** branca que eu usava. Então me pediu que ***ficasse de quatro***, para que ele pudesse me ***comer***. Obedeci curiosa.

Mateus baixou minha calcinha e levantou minha saia azul do uniforme, ***deixando-me totalmente exposta***.

Olhei para trás e vi que ele já soltara seu *passarinho*. *Estava durinho e apontado para minhas nádegas*. O garoto passou saliva no seu *pinto* e depois na minha *xoxinha*, lisinha, sem nenhum pelinho. Percebi que ele queria *enfiar em mim* e fiquei com medo que doesse, pois já ouvira algumas colegas mais velhas comentarem que doía um pouco *na primeira vez*. Mesmo assim resolvi *deixar*, *para experimentar e sentir como era fazer aquilo*.

Mateus encostou seu *gravetinho duro* no *buraco* da minha *pombinha e foi empurrando seu membro bem salivado para dentro de mim*. Ao contrário do que eu temia, não doeu quase nada. Só doeu um pouquinho quando ele *enfiou a cabecinha*, mas seu membro infantil se adaptou perfeitamente ao *meu sexo*. Era gostoso *fazer aquilo*. Depois que ele *enfiou tudo*, *senti seu pinto ir e vir dentro de mim*. Não entendia porque ele fazia *aquilo*, mas gostei. Suas mãos seguravam com força as minhas nádegas e suas coxas batiam na minha *bunda*.

Mateus *foi fazendo* mais depressa. Quanto mais rápido ia, *mais gostosos ficava*. Continuou *se movendo atrás de mim*, até que me apertou com força e começou a tremer, parando os movimentos. Quando ele *tirou* perguntei-lhe se já havia *terminado* (pois eu ainda *queria mais*). Minha *rachinha* estava todinha melada. Tive que arrancar uma folha do caderno para enxugá-la, antes de vestir a calcinha. Depois nos vestimos e continuamos a caminhada de mãos dadas, mas em silêncio, até sua casa.

Quando seus pais me deixaram na fazenda, mais tarde, fiquei relembrando cada instante, louquinha de vontade de ***fazer aquilo de novo***. Continuei relembrando nossa ***aventura*** quando me deitei para dormir. Quase sem perceber comecei a ***esfregar os dedos no meu sexo***, recordando cada momento lá no ***matinho***. Quanto mais ***esfregava***, mais ***vontade*** me dava de fazer ***aquilo*** de novo com Mateus.

Prossegui me ***esfregando***, cada vez mais depressa, até que meu corpo todo se estremeceu, surpreendido pelo ***primeiro orgasmo*** da minha vida.